}1.8.

As obras de misericórdia

Uma leitura de Mt 25,31-46

ANTÓNIO JOSÉ DA ROCHA COUTO*

Resumo: O texto mostra como as "obras de misericórdia", principalmente as corporais, remontam à ação de Jesus, tal como a captou o evangelista Mateus ao redigir Mt 25, 31-46. Tendo como base o trabalho dos pastores palestinenses que, ao fim do dia, recolhem de forma diferenciada ovelhas e cabras para o repouso noturno, o autor eleva o sentido até ao nível escatológico de compreensão. Jesus é o rei-pastor que, na sua vida gloriosa, se coloca no lugar onde se distinguem o bem e o mal. O sentido ético do mundo encontra-se claramente aludido nas palavras e nas frases de um texto cheio de alusões sapienciais e teológicas.

Palavras-chave: Obras de misericórdia, escatologia bíblica, exegese Mt 25, 31-46, João Batista, cristologia de Mateus.

Abstract: This text shows how the "works of mercy", and mainly the corporal ones, are traced back to the action of Jesus himself, just like the evangelist Matthew understood them, when writing Mt 25: 31-46. Founding his line of thought on the work of the Palestinian shepherds, who at the end of the day gather the goats and the sheep for the nocturnal rest, the author elevates its understanding to an eschatological level of meaning. Jesus is the shepherd-king who, in his glorious life, puts himself in the place in which good is distinguishable from evil. The ethical horizon of the world is clearly

* Bispo de Lamego.

being mentioned by the words and sentences of a text full of theological and sapiential references.

Keywords: Works of mercy, biblical eschatology, Mt 25: 31-46 exegesis, John the Baptist, Matthew's Christology.

Introdução

Se ousasse começar este exercício pela verificação da prática ou do fazer das obras de misericórdia, rapidamente concluiria que não as sabemos ou saboreamos, ainda que as fórmulas sejam fáceis de dizer e de aprender. E não saber, saborear ou fazer as obras de misericórdia pode ser um erro irreparável, a fazer fé no que diz Simão o Justo, no *Pirkê 'Abôt*, o único tratado hagádico da *Mishna* judaica, segundo o qual o mundo inteiro assenta sobre três pilares, a saber: a *Tôrah*, o culto e as obras de misericórdia (I, 2). Constatação rápida: o mundo anda à deriva, como um balão de Carnaval ou de S. João, e, portanto, estão em falta os pilares em que devia assentar, nomeadamente as obras de misericórdia.

Mais vale, portanto, começar pelo princípio, pela Escritura exposta como *Tôrah* aos nossos olhos, mas que se deve cumprir como Palavra nos nossos ouvidos. Apenas uma anotação prévia em ordem a uma melhor compreensão do andamento do texto. Mt 25,31-46 começa com um cenário descritivo introdutório (vv. 31-33) (A^1) e termina com um cenário descritivo conclusivo (v. 46) (A^2). Entre os dois cenários descritivos que abrem e fecham o movimento do texto (A^1-A^2), bem no centro da estrutura, surge a ação da Palavra, o dizer (vv. 34-45), que podemos distribuir em duas vagas: um dizer positivo, dizer SIM (vv. 34-40) (B^1), e um dizer negativo, dizer NÃO (vv. 41-45) (B^2).

1. Configuração do texto

Para nos apercebermos dos seus movimentos, impõe-se sempre, em primeiro lugar, a leitura do texto:

> «**25**,[31]Quando vier o **FILHO DO HOMEM** na sua glória e todos os anjos com Ele, então sentar-se-á sobre o trono da sua glória, [32]e serão REUNIDAS (*synachthêsontai*: fut. pass. de *synágô*) diante d'ELE todas as nações, e SEPARÁ-LOS-Á (*aphorízô*) uns dos outros, como o **PASTOR** SEPARA as ovelhas das cabras, [33]e porá as ovelhas à sua direita e as cabras à esquerda. (A^1)

[34]Então *DIRÁ* o **REI** aos que (estão) à sua direita: "Vinde, benditos (*eulogêménoi*: part. perf. pass. de *eulogéô*) de meu PAI, recebei em herança (*klêronoméô*) o REINO preparado (*hetoimasménên*: part. perf. pass. de *hetoimázô*) para vós desde a fundação do mundo, [35]pois tive fome e destes-ME de comer, tive sede e destes-ME de beber, era estrangeiro e recolhestes-ME (*synágô*), [36]nu e vestistes--ME, estive doente e visitastes-ME, estava na prisão e viestes ter COMIGO".

[37]Então os justos responder-lhe-ão, *DIZENDO*: "**SENHOR**, quando foi que TE vimos com fome e TE demos de comer, ou com sede e TE demos de beber? [38]Ou quando TE vimos estrangeiro e TE recolhemos, ou nu e TE vestimos? [39]Ou quando TE vimos doente ou na prisão e viemos ter CONTIGO?

[40]E, respondendo, o **REI** *DIR-LHES-Á*: "Em verdade vos digo: cada vez que o *fizestes* a UM (*henî*) destes *meus irmãos*, os mais pequenos (*tôn elachístôn*), a MIM o *fizestes*". (B^1)

[41]Então *DIRÁ* também aos da esquerda: "Afastai-vos de MIM, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e para os seus anjos, [42]pois tive fome e NÃO ME destes de comer, tive sede e NÃO ME destes de beber, [43]era estrangeiro e NÃO ME recolhestes (*synágô*), nu e NÃO ME vestistes, estive doente e na prisão e NÃO ME visitastes".

[44]Então também eles responderão, *DIZENDO*: "**SENHOR**, quando foi que TE vimos com fome ou com sede ou estrangeiro ou nu ou doente ou na prisão e NÃO cuidámos (*diakonéô*) de TI?"

[45]Então responder-lhes-á, *DIZENDO*: "Em verdade vos digo: cada vez que NÃO o *fizestes* a UM (*henî*) destes, os mais pequenos, também a MIM o NÃO *fizestes*". (B^2)

[46]E irão estes para o castigo eterno, e os justos para a vida eterna» (Mt 25,31-46). (A^2)

2. Tempo de leitura

Lendo este imenso texto e captando o seu movimento, não passará despercebido a ninguém que o seu centro reside nas duas vagas que mostram a ação de dizer SIM (vv. 34-40) (B^1) ou de dizer NÃO (vv. 41-45) (B^2), uma e outra em consonância com a ação de FAZER (v. 40) ou de NÃO FAZER (v. 45).

Na verdade, aquela declaração afirmativa de Jesus: «Tive fome e destes--ME de comer (1), tive sede e destes-ME de beber (2), era estrangeiro e recolhestes-ME (*synágô*) (3), nu e vestistes-ME (4), estive doente e visitastes-ME (5), estava na prisão e viestes ter COMIGO (6)» (vv. 35-36), tem um alcance quase incontrolável e insuperável, que não se confina neste pequeno imenso texto de Mateus, mas se insinua na Bíblia inteira, linhas e entrelinhas.

Diz-nos São João, no prólogo do seu Evangelho, que «foi pelo Verbo que tudo foi feito» (Jo 1,3), e São Paulo escreve, na Carta aos Colossenses, que «n'Ele foram criadas todas as coisas» (Cl 1,16), para acentuar depois, na sua Segunda Carta aos Coríntios, que o «Filho de Deus, Jesus Cristo [...], não foi "sim e não", mas unicamente "sim"» (2 Cor 1,19)[1]. Acentuações teológicas ricas e densas, que ganham ainda uma maior intensidade, se verificarmos que a narrativa de Gn 1,1-2,4a, a grande narrativa da Criação, se compõe de 452 palavras hebraicas, não registando, todavia, o que é absolutamente espantoso, um único «não»! Esplêndida e contagiante harmonia das Escrituras[2]. O denso texto de Gn 1,1-2,4a, como o nosso texto de Mt 25,35-36, que fornece a base das nossas «obras de misericórdia», não contém nenhuma negação! Ambos são uma extraordinária afirmação que se insinua em todas as linhas e entrelinhas da Escritura Santa, e que mantém o ser humano em permanente tensão e atenção, para mais quando Jesus nos revela que os pobres e necessitados a quem prestámos assistência são, na verdade, seus irmãos (v. 40). E mais ainda: todo o bem que fizemos a UM desses pequeninos, foi, na verdade, feito ao próprio Jesus (v. 40). Vê-se que Jesus, o Senhor do SIM, por quem tudo foi feito, em quem tudo foi criado, anda muito metido nos nossos caminhos lamacentos ou empedrados, mas sempre tortuosos, e pede a nossa esmola em cada esquina, e quer que o nosso «fazer» seja criador, marcado pelo SIM, como o d'Ele.

Toda a atenção, portanto, uma vez que o próprio Jesus se cruza connosco, todos os dias, nos nossos caminhos tortuosos e lamacentos. Mas atenção sobretudo, porque «negar» é «não-dizer-sim» (*ne-aiere*) ao outro, e «não-dizer--sim» ao outro é não responder ao apelo-mandamento do seu rosto, e não responder ao outro define-se como «indiferença», pelo que, nos interstícios de *negare* [*neg*, forma reforçada de *ne*], já se entrevê *necare* [= matar][3]. Veja-se em contraluz o peso insuportável da declaração negativa de Jesus: «Tive fome e NÃO ME destes de comer (-1), tive sede e NÃO ME destes de beber (-2), era estrangeiro e NÃO ME recolhestes (*synágô*) (-3), nu e NÃO ME vestistes (-4), estive doente e na prisão e NÃO ME visitastes (-5 e -6) (vv. 42-43)», situação bem retratada na confissão de Caim: «A minha culpa é demasiado pesada para a suportar» (Gn 4,13). Mas também o orante que reza nos Salmos confessa: «As minhas culpas estão acima da minha cabeça; como um fardo pesado, são demasiado pesadas para mim» (Sl 38,5).

[1] COUTO, António – *O Livro do Génesis*. Leça da Palmeira: Letras e Coisas, 2013, p. 16.

[2] A observação, sem a contabilidade das palavras e as articulações teológicas evocadas, pode ver-se em SKA, Jean-Louis – *La parola di Dio nei racconti degli uomini*. Assisi: Cittadella, 2000, p. 25-26; IDEM – *L'argilla, la danza e il giardino. Saggi di antropologia* bíblica. Bologna: EDB, 2000, p. 15.

[3] DI SANTE, Carmine – *L'umano buono e i vizi capitali*. Assisi: Cittadella, 2009, p. 46.

A selar a declaração afirmativa de Jesus, encontramos uma dupla afirmação sobre o «fazer»: «Em verdade vos digo: cada vez que o *fizestes* a UM (*henî*) destes *meus irmãos*, os mais pequenos (*tôn elachístôn*), a MIM o *fizestes*» (v. 40). O mesmo acontecendo no final da declaração negativa de Jesus, com uma dupla afirmação sobre o «não-fazer»: «Em verdade vos digo: cada vez que NÃO o *fizestes* a UM (*henî*) destes, os mais pequenos, também a MIM o NÃO *fizestes*» (v. 45).

O narrador informa-nos, no v. 46, que estes vão para o «castigo eterno», a que Jesus já tinha chamado «fogo eterno» (v. 41), e os justos para a «vida eterna», a que Jesus já tinha chamado «Reino para vós preparado» (v. 34), em linha com a formulação das Bem-Aventuranças 1.ª e 8.ª (Mt 5,3 e 10)[4]. A condenação aqui mostrada, sem que outros critérios tenham sido considerados, no âmbito da fé ou da moral, assenta na inação. Tal como nas duas parábolas que precedem imediatamente o nosso texto, a parábola das dez virgens (Mt 25,1-13) e a parábola dos talentos (Mt 25,14-30), é o que sucede às virgens insensatas, que não se prepararam, e ao servo que ficou paralisado, e enterrou o seu talento. As virgens insensatas e o servo que nada fez não se aperceberam da atenção vigilante, da prontidão e da urgência que o Reino dos Céus requer de nós[5].

Mt 25,31-46 é, com certeza, a página mais assombrosa de todo o NT: a herança do Reino ou da vida eterna não requer o explícito conhecimento de Jesus Cristo, mas apenas o serviço do amor prestado ao irmão mais pequeno e necessitado, com quem Jesus se identifica, chamando-lhe «meu irmão» (Mt 25,40), expressão que só se ouve mais duas vezes, em Mt 12,49-50 e 28,10[6]. Mas a parábola mostra que quem fez ou não fez esse serviço de amor aos necessitados não sabia que era a Jesus que o fazia (v. 37-38) ou não fazia (v. 44). O cristão não tem nenhuma garantia: também ele será julgado com base no amor[7].

É desarmante o texto, o seu alcance e os seus ecos intertextuais, pelo que se requer do leitor o máximo empenho para que a sua leitura seja larga, operativa e performativa, e não estreita, inócua e asséptica. Algumas anotações podem sempre ser úteis. 1) O Filho do Homem que vem na sua glória com todos os seus anjos (Mt 25,31) pode corresponder ao cenário do «Dia de YHWH», de Zc 14,5, em que é YHWH que vem com todos os seus santos[8].

[4] FRANCE, Richard T. – *The Gospel of Matthew*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2007, p. 962-963.

[5] COUTO, António – *Introdução ao Evangelho segundo Mateus*. Lisboa: Paulus, 2014, p. 71.

[6] FRANCE, Richard T. – *The Gospel of Matthew*, p. 958; MAGGIONI, Bruno – *Il racconto di Matteo*. 9 ª ed. Assisi: Cittadella, 2006, p. 322.

[7] MAGGIONI, Bruno – *Il racconto di Matteo*, p. 320.

[8] NOLLAND, John – *The Gospel of Matthew. A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids, Michigan – Bletchley: Wm. B. Eerdmans Publishing Co. – Paternoster, 2005, p. 1024.

2) A reunião de «todas as nações» (Mt 25,32), obra de Deus (passivo divino ou teológico), remete para Is 66,18 e Jl 4,2, em que Deus virá para reunir «todas as nações»[9]. 3) A temática do Pastor (Mt 25,32) remete para Ez 34,12 e 15, em que Deus assume essa função, mas também para Ez 34,23, em que a função de Pastor é confiada a David[10]. 4) A temática da separação entre ovelhas e cabras (Mt 25,32 e 33) põe em cena o Deus e Pastor que julga e salva, presente em Ez 34,17 e 22. Esta separação assenta num dado tipicamente palestinense e não tem em mente moralismos de qualquer espécie. O dado é este: durante o dia, ovelhas e cabras pastam em conjunto; à noite, procede-se à sua separação, dado que as cabras têm necessidade de um lugar mais quente, enquanto as ovelhas preferem ficar ao ar livre[11]. 5) Em Mt 25,34, surge, com alguma surpresa o Rei[12], onde antes estava o Filho do Homem e o Pastor; além de ser uma das temáticas fundamentais do Evangelho segundo Mateus, pode lançar uma ponte para Ez 37,23, em que David é dito Pastor e Rei, e para Dn 7,14, em que o Filho do Homem recebe um Reino diferente dos outros reinos[13]. 6) Em Mt 25,35-40, salta à vista que o Filho do Homem se identifica com um irmão necessitado, presença alargada e intensificada do Emanuel (Mt 1,23; 18,20; 28,20)[14]. Ouve-se aqui o eco das bem-aventuranças. 7) Veja-se outra vez quanto é irrisório o nosso gosto pela estatística e pelos números, em confronto com o apenas «um» (Mt 25,40 e 45, que recupera e se agrafa a Mt 18,5.6.10.14). 8) O Juiz que aparece neste cenário é dito «Filho do Homem» e «Rei», mas a ninguém passará despercebido que este Rei se identifica com Jesus de Nazaré[15], o Pobre por excelência, que, por amor, assume as nossas fragilidades até à Cruz. Não há o Cristo do amor ao longo de todo o Evangelho, e, nesta página, o Cristo do poder. Não, o amor empapa por completo esta página[16]. 9) Note-se ainda que não é dito que os justos (os fiéis e os vigilantes das parábolas precedentes) citados nesta página se tinham esquecido das obras de amor que fizeram, mas simplesmente que não sabiam que o tinham feito ao próprio Filho do Homem na pessoa dos pobres e necessitados, de mão estendida para nós, na linha de Mt 10,40 e 18,5. Só à última hora será revelado o sentido pleno dos nossos

[9] *Ibidem*, p. 1024-1025.

[10] *Ibidem*, p. 1025.

[11] KEENER, Craig S. – *A Commentary on the Gospel of Matthew*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999, p. 603; SCHNACKENBURG, Rudolf – *The Gospel of Matthew*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2002, p. 257.

[12] SCHNACKENBURG, Rudolf – *The Gospel of Matthew*, p. 257.

[13] NOLLAND, John – *The Gospel of Matthew*, p. 1025 e 1027.

[14] COSTIN, Teodor – *Il perdono nel Vangelo di Matteo. Uno studio esegetico-teologico*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2006, p. 224.

[15] MAGGIONI, Bruno – *Il racconto di Matteo*, p. 320.

[16] *Ibidem*, p. 320-321.

atos[17]. 10) «A Mim o fizestes» (Mt 25,40) representa o ponto alto deste imenso texto, com ecos no Livro dos Provérbios: «Quem faz graça (*hanan*) ao pobre, empresta a Deus» (Pr 19,17), em Act 9,4-5: «[4][…] Saul, Saul, por que ME persegues? [5]Disse então: "Quem és, Senhor?" E ELE então: "EU SOU Jesus que tu persegues"»[18]. O grampo fundamental é, todavia, aquele que estabelece a ponte entre o «fazer» (*poiéô*) deste imenso texto e o «fazer (*poiéô*) a vontade do meu Pai que está nos Céus» do Discurso programático da Montanha (Mt 7,21), que parece estarmos a ouvir outra vez[19]. Mas também é legível o «fazer» criador de Deus em Gn 1[20].

Como podemos sempre constatar, este imenso texto (Mt 25,31-46) constitui o coração e o cume do Discurso Escatológico de Jesus no Evangelho segundo Mateus (Mt 24,1-26,1). Mas é sempre importante e esclarecedor espraiar o olhar sobre outros dizeres de Jesus dentro do inteiro Discurso Escatológico e também sobre algumas cenas narrativas que o precedem e são dele preparatórias (Mt 25,1-13; 14-30), sem esquecer nunca o dizer em contraponto de João Batista (Mt 3,7-17) e o ensinamento central das parábolas de Mt 13, também em contraponto com o nosso manifesto desejo de um rápido desfecho favorável aos pretensos bons, que somos sempre nós, e desfavorável aos maus, que são sempre os outros.

3. A rede intertextual

3.1. O Jesus de João Batista e o Jesus de Deus

Ao correr do Evangelho de Mateus, é só agora que surge o juiz e se opera a separação que muitos esperavam há muito tempo, e que o narrador foi criteriosamente diferindo.

A mansidão e o domínio doce são a nota maior deste Rei, Pastor, Filho do Homem, Jesus, que domina os animais, separando (verbo da criação) os mansos (ovelhas) dos violentos e orgulhosos (cabras). Mas, ao contrário das expectativas que o andamento do Evangelho de Mateus vai abrindo, esta *ação de separação* acontece, não agora, mas apenas no entardecer da vida e da história, tal como sucederá, para muito espanto nosso, ao trigo e à cizânia (Mt 13,30-31 e 36-43) e à rede que, lançada ao mar, apanha toda a espécie de peixes (Mt 13,47-50).

[17] BONNARD, Pierre – *L'Évangile selon Saint Matthieu*. Neuchâtel – Paris: Delachaux & Niestlé, 1963, p. 366.

[18] NOLLAND, John – *The Gospel of Matthew*, p. 1032.

[19] MAGGIONI, Bruno – *Il racconto di Matteo*, p. 321.

[20] COUTO, António – *O Livro do Génesis*, p. 29.

Mas antes deste Capítulo central das Parábolas (Mt 13) e das lições estonteantes que Jesus aí nos deixa, já tinha aparecido João Batista anunciando um Messias justiceiro, que vinha para estabelecer a ordem através de um julgamento já e em força, sem dó nem piedade[21]. Vejamos apenas um bocadinho do tom implacável da sua pregação:

> «**3**,[10]Já o machado está posto à raiz das árvores, e *toda a árvore que não fizer* (poiêô) *fruto bom* (karpós kalós) *será cortada e lançada ao fogo*» (Mt 3,10).
>
> «**3**,[12]A pá de joeirar está na sua mão: ele purificará completamente a sua eira e *recolherá o seu trigo no celeiro*; *a palha, porém, queimá-la-á com fogo inextinguível*» (Mt 3,12).

É claro, portanto, que João Batista esperava um Messias contundente, que entraria já em ação de julgamento sem concessões. Não é, neste sentido, de admirar que, logo a seguir ao retrato justiceiro que dele pinta, mal avista Jesus, João fique confundido com a sua postura, que não vem, afinal, como juiz, mas como Servo de YHWH, no meio do povo, proclamado por Deus seu Filho ou Servo, citando Is 42,1:

> «**3**,[13]Apareceu então Jesus, vindo da Galileia até ao Jordão, junto de João, *para ser batizado por ele*. [14]Mas João opunha-se-lhe, dizendo: "Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti, e és tu que vens ter comigo?". [15]Então, respondendo, Jesus disse-lhe: "Deixa por agora; na verdade, é assim que é conveniente para nós (*prépon estìn hêmîn*) cumprir (*plêrôssai*: inf. aor. de *plêróô*) toda a justiça (*dikaiosınê*)". Então deixa-o. [16]Batizado, Jesus saiu logo da água. E eis que foram abertos os céus, e viu (*eîden*) o Espírito de Deus descendo (*katabaînon*) como uma pomba e vindo (*erchómenon*) sobre ele. [17]E eis uma voz desde os céus, dizendo: "*Este é o meu Filho, o amado, em quem pus o meu enlevo*"» (Mt 3,7-17).

Na verdade, é sob a figura do Servo de YHWH, manso e humilde, e não sob a figura justiceira que João Batista apregoa, que Jesus coloca o seu ministério, na mais longa citação que Mateus faz do AT (Mt 12,18-21 citando Is 42,1-4)[22]. Vale a pena colocar os dois textos em sobreposição:

[21] SKA, Jean-Louis – *Cose nuove e cose antiche (Mt 13,52). Pagine scelte del Vangelo di Matteo*. Bologna: EDB, 2004, p. 72-73; TERRINONI, Ubaldo – *«Buono è il Signore» (Sal 103,8). Il messaggio biblico della misericordia*. Bologna: EDB, 2008, p. 135-136.

[22] MAGGIONI, Bruno – *Il racconto di Matteo*, p. 158.

> «**12**,[18]Eis o meu servo que eu escolhi,/ o meu amado para quem vai o prazer da minha vida./ Porei o meu Espírito sobre ele,/ e o julgamento às nações ele anunciará./ [19]Não levantará a voz nem gritará,/ e ninguém nas praças ouvirá a sua voz./ [20]Uma cana fendida não quebrará,/ e uma mecha que fumega não apagará,/ enquanto não tenha levado à vitória o julgamento,/ [21]e no seu nome as nações esperarão» (Mt 12,18-21).
>
> [«**42**,[1]Eis o meu servo (*'ebed*) que eu seguro/sustento (*tamak*),/ o meu eleito em quem está o prazer da minha vida./ Eu dei o meu Espírito sobre ele,/ o julgamento das nações ele faz sair./ [2]Ele não gritará, não se exaltará,/ não fará ouvir desde fora (*bahûts*) a sua voz. [3]Uma cana (*qaneh*) fendida não quebrará,/ a mecha que se apaga não extinguirá,/ para a verdade ele faz sair o julgamento,/ [4]não se apagará nem se excitará (*rûts*),/ até que estabeleça na terra o julgamento,/ e o seu ensinamento as ilhas esperam» (Is 42,1-4)].

Esta forma de Jesus se deixar dizer e receber passa a imagem do Servo de YHWH (e não do juiz que João Batista pregava)[23], que não exclui nem condena nem clama por vingança, mas inclui, cura, perdoa e salva: «Deus, na verdade, não enviou o seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele» (Jo 3,17)[24]. É, portanto, sintomático que a mais longa citação que Mateus faz do AT (12,18-21) deixe ecoar no retrato e na missão de Jesus o «primeiro canto do Servo de YHWH» (Is 42,1-4), que traz um domínio novo: «o único Rei que não reina desde fora»[25]: suavidade que se insinua mansamente e sana as nações desde o coração! Sim, porque, se Jesus é um Rei que não reina desde fora, então é óbvio que reina desde dentro, desde o coração.

3.2. O desconcertante discurso das parábolas (Mt 13)

É sabido que a temática do Reino de Deus ou dos Céus ocupa o centro do Evangelho segundo Mateus, fazendo-se notar desde logo nas sete parábolas que preenchem o Capítulo 13: da semente (Mt 13,1-23), do trigo e da cizânia (Mt 13,24-30), do grão de mostarda (Mt 13,31-32), do fermento (Mt 13,33), do tesouro escondido no campo (Mt 13,44), da pérola (Mt 13,45-46) e da rede

[23] LÉON-DUFOUR, Xavier – Les Évangiles synoptiques. In GEORGE, Augustin; GRELOT, Pierre, eds. – *Introduction critique au Nouveau Testament*. Paris: Desclée, 1976, Vol. 2, p. 94.

[24] TERRINONI, Ubaldo – «Buono è il Signore» *(Sal 103,8)*, p. 136.

[25] LEVINAS, Emmanuel – *Difficile liberté. Essais sur le judaisme*. 2.ª ed. Paris: Albin Michel, 1976, p. 120 e 129. Ver BAILHACHE, Gérard – *Le Sujet chez Emmanuel Levinas. Fragilité et subjectivité*. Paris: PUF, 1994, p. 162.

(Mt 13,47-50)[26]. Ao contrário da nossa tendência para decisões rápidas, do nosso gosto de coisas claras e distintas, imponentes e concludentes (vejam-se João Batista, os fariseus, os zelotes, os essénios…), saltam à vista a lentidão (semente e fermento), a espera, a paciência e a tolerância (trigo e cizânia e rede), a pequenez (grão de mostarda e fermento), a riqueza diferente, que não se pode trocar por nada (tesouro escondido e pérola)[27].

No sentido que aqui nos interessa, é ilustrativa a parábola do trigo e da cizânia (Mt 13,24-30), que é exclusiva de Mateus [cizânia deriva do hebraico *zunîm*, que provém com certeza do verbo *zanah*, prostituir-se], que crescem juntos no campo[28]. A nossa impaciência em esperar por mais tempo o Reino de Deus, que queremos que venha depressa e que tudo clarifique e resolva já, leva-nos, na pessoa dos servos, a propor ao proprietário do campo: «Queres, então, que vamos arrancá-la?» (13,28b). E a resposta inesperada do proprietário: «Deixai-os *crescer ambos juntos até à colheita*» (13,30a), deixa-nos desconcertados. E mais desconcertados ficamos quando vimos a saber, pouco depois, na *explicação da parábola* feita por Jesus (cf. Mt 13,36-43), que «*a colheita é o fim do mundo*» (Mt 13,39b), e que só então será queimada a cizânia (Mt 13,40) e os que praticam a iniquidade (Mt 13,42).

E o mesmo se passa com a *parábola da rede* (Mt 13,47-50) que, lançada ao mar, apanha toda a espécie de peixes: os bons, isto é, os que são *kasher*, que têm barbatanas e escamas (cf. Lv 11,9), deitam-se no cesto; os maus, isto é, os que não são *kasher*, que não têm barbatanas e escamas (cf. Lv 11,10-11), deitam-se fora (Mt 13,47-48). Serve a constatação para se dizer que do mesmo modo também *no fim do mundo os anjos separarão os homens maus dos justos, sendo os maus lançados ao fogo* (Mt 13,49-50).

Com estes dizeres, no ponto e contraponto, somos sempre convidados a pôr pausa e bemol nos nossos comportamentos. Este é o tom manso, soberano e sublime de Mt 25,31-46.

4. Mt 25,31-46 e as obras de misericórdia

Já vimos atrás que é o texto de Mt 25,35-36, que fornece a base das nossas «obras de misericórdia», apontando seis das sete «obras de misericórdia», ditas corporais. Revisitemos o texto: «Tive fome e destes-ME de comer (1), tive

[26] SKA, Jean-Louis – *Cose nuove e cose antiche (Mt 13,52)*, p. 123-141; COUTO, António – *Introdução ao Evangelho segundo Mateus*, p. 19 e 23.

[27] MAGGIONI, Bruno – *Il racconto di Matteo*, p. 173.180-181.

[28] SKA, Jean-Louis – *Cose nuove e cose antiche (Mt 13,52)*, p. 129-130.

sede e destes-ME de beber (2), era estrangeiro e recolhestes-ME (*synágô*) (3), nu e vestistes-ME (4), estive doente e visitastes-ME (5), estava na prisão e viestes ter COMIGO (6)» (Mt 25,35-36).

Notar-se-á que falta a sétima: «enterrar os mortos». Todavia, no mundo judaico, esta sétima obra tem um grande relevo, como se pode ver nesta ilustrativa história rabínica. Na escola sinagogal, diz a história, o mestre põe diante dos seus discípulos o seguinte cenário: um homem segue o seu caminho e depara-se à beira do caminho com um ferido e um morto. Posto o cenário, pergunta o mestre aos seus alunos: de quem se deve tratar primeiro: do ferido ou do morto? A resposta unânime foi: do ferido, claro! Retorquiu o mestre: não! Primeiro deve tratar-se do morto. E explicou: aquilo que fazes a um morto é completamente de graça, puro amor. O morto não te pode retribuir!

Em boa verdade, a expressão «obras de misericórdia» não se encontra na Bíblia nem nos escritos de Qumran. Devemo-la aos rabinos através da expressão *g^{e}milût hasadîm*[29]. Além de cunharem a expressão, ensinaram também, sobretudo nos diferentes *Targûmîm* [= versões aramaicas livres e edificantes de textos bíblicos hebraicos], a dar grande relevo à sua prática. Por norma, mostra-se o próprio Deus a proceder à sua prática para depois se concluir que a nós nos compete imitá-lo, ou se põem as grandes figuras bíblicas a praticá-las para nos servirem de exemplo, ou se constroem histórias edificantes sobre versículos bíblicos selecionados, em que se evidencia a prática das obras de misericórdia, sempre para que os ouvintes ou leitores sejam levados a fazer outro tanto[30]. Para melhor elucidação do leitor acerca do que estamos a dizer, transcrevemos aqui a paráfrase do Targum Pseudo Jonathan[31] sobre Dt 34,6: «Bendito seja o nome do Senhor do mundo que nos ensinou o seu reto caminho. Ensinou-nos a *vestir os nus* quando visitou Adam e Eva. Ensinou-nos a *acasalar noivos e noivas* quando acasalou Eva e Adam. Ensinou-nos a *visitar os doentes* quando se revelou na visão de Mambré a Abraão quando este estava doente por causa da circuncisão. Ensinou-nos a *consolar os que estão de luto* quando se revelou novamente a Jacob, quando regressava de Paddan, lugar onde tinha morrido a sua mãe. Ensinou-nos a *dar de comer aos pobres* quando fez descer pão dos céus para os filhos de Israel. Ensinou-nos a *enterrar os mortos* quando morreu Moisés, pois apareceu junto dele na sua *Memra*

[29] PÉREZ FERNÁNDEZ, Miguel – Las bodas de Caná y la sepultura de Jesús (Jn 2,1-11 y 19,29-40). Dos obras de misericordia en el Evangelio de Juan. In CHAPA, Juan, ed. – *Signum et Testimonium. Estudios ofrecidos al Profesor Antonio García-Moreno en su 70 cumpleaños*. Pamplona: EUNSA, 2003, p. 121.

[30] Pode ver-se uma ilustrativa sequência de textos em *Ibidem*, p. 122-129.

[31] Acerca destes nomes, ver COUTO, António – *O Livro do Génesis*, p. 66. Ver também LE DÉAUT, Roger; ROBERT, Jacques, eds. – *Targum du Pentateuque. Genèse*. Paris: Cerf, 1978, Vol. 1.

[= Palavra] acompanhado de bandos de anjos do serviço. Miguel e Gabriel fizeram um leito de ouro incrustado com pedras brilhantes, pedras preciosas e berilos, e adornaram-no com tapetes de lã fina, folhas de púrpura e roupas brancas. Metratão, Yopel, Uriel e Yefehfiyá, mestres de sabedoria, colocaram-no sobre ele. E com a sua *Memra* transportou-o quatro milhas e enterrou-o no vale em frente de Bet Peor, para que sempre que Peor se levantasse para recordar a Israel o seu pecado, visse o túmulo de Moisés e se afligisse. Ninguém conhece o seu túmulo até aos dias de hoje»[32].

Como se vê por este texto delicioso, a literatura rabínica não se cansa de insistir na prática das obras de misericórdia, fazendo, para as inculcar, deliciosos arranjos.

Bibliografia

BAILHACHE, Gérard – *Le Sujet chez Emmanuel Levinas. Fragilité et subjectivité*. Paris: PUF, 1994.

BONNARD, Pierre – *L'Évangile selon Saint Matthieu*. Neuchâtel-Paris: Delachaux & Niestlé, 1963.

COSTIN, Teodor – *Il perdono nel Vangelo di Matteo. Uno studio esegetico-teologico*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2006.

COUTO, António – *Introdução ao Evangelho segundo Mateus*. Lisboa: Paulus, 2014.

IDEM – *O Livro do Génesis*. Leça da Palmeira: Letras e Coisas, 2013.

DI SANTE, Carmine – *L'umano buono e i vizi capitali*. Assisi: Cittadella, 2009.

FRANCE, Richard T. – *The Gospel of Matthew*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2007.

GEORGE, Augustin; GRELOT, Pierre, eds. – *Introduction critique au Nouveau Testament*. Paris: Desclée, 1976, Vol. 2.

KEENER, Craig S. – *A Commentary on the Gospel of Matthew*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999.

LE DÉAUT, Roger; ROBERT, Jacques, eds. – *Targum du Pentateuque. Genèse*. Paris: Cerf, 1978, Vol. 1.

LEVINAS, Emmanuel – *Difficile liberté. Essais sur le judaisme*. 2.ª ed. Paris: Albin Michel, 1976.

MAGGIONI, Bruno – *Il racconto di Matteo*. 9 ª ed. Assisi: Cittadella, 2006.

NOLLAND, John – *The Gospel of Matthew. A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids, Michigan – Bletchley: Wm. B. Eerdmans Publishing Co. – Paternoster, 2005.

[32] *Apud* PÉREZ FERNÁNDEZ, Miguel – Las bodas de Caná y la sepultura de Jesús, p. 124.

PÉREZ FERNÁNDEZ, Miguel – Las bodas de Caná y la sepultura de Jesús (Jn 2,1-11 y 19,29-40). Dos obras de misericordia en el Evangelio de Juan. In CHAPA, Juan, ed. – *Signum et Testimonium. Estudios ofrecidos al Profesor Antonio García-Moreno en su 70 cumpleaños*. Pamplona: EUNSA, 2003, p. 119-132.

SCHNACKENBURG, Rudolf – *The Gospel of Matthew*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2002.

SKA, Jean-Louis – *Cose nuove e cose antiche (Mt 13,52). Pagine scelte del Vangelo di Matteo*. Bologna: EDB, 2004.

IDEM – *L'argilla, la danza e il giardino. Saggi di antropologia bíblica*. Bologna: EDB, 2000.

IDEM – *La parola di Dio nei racconti degli uomini*. Assisi: Cittadella, 2000.

TERRINONI, Ubaldo – «Buono è il Signore» (Sal 103,8). *Il messaggio biblico della misericordia*. Bologna: EDB, 2008.